

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ADRIANA ELIZABETA SEITENFUS

**A EXTENSÃO RURAL CHEGA AO
OESTE DE SANTA CATARINA:
ACARESC E A CAMPANHA DE
CONSERVAÇÃO DO SOLO (1956- 1970)**

CHAPECÓ 2024

ADRIANA ELIZABETA SEITENFUS

**A EXTENSÃO RURAL CHEGA AO
OESTE DE SANTA CATARINA:
ACARESC E A CAMPANHA DE
CONSERVAÇÃO DO SOLO (1956- 1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Samira Moretto

**CHAPECÓ
2024**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Seitenfus, Adriana Elizabeta

OESTE DE SANTA CATARINA: ACARESC E A CAMPANHA DE CONSERVAÇÃO DO SOLO (1956- 1970) / Adriana Elizabeta Seitenfus. -- 2024.

45 f.:il.

Orientadora: Professora Doutora Samira Peruchi Moretto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2024.

1. História Ambiental, Colonização, ACARESC, Campanha de Conservação do Solo. I. Moretto, Samira Peruchi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ADRIANA ELIZABETA SEITENFUS

**A EXTENSÃO RURAL CHEGA AO
OESTE DE SANTA CATARINA:
ACARESC E A CAMPANHA DE
CONSERVAÇÃO DO SOLO (1956- 1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de graduação em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 03/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Samira Peruchi Moretto– UFFS
Orientadora

Prof. Dr^o Marlon Brandt– UFFS
Avaliador

Prof. Ms^a. Michely Cristina Ribeiro- UFSC
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus pais, a
convivência e ensinamentos que me
propuseram ao longo do meu crescimento
e, sobretudo, a possibilidade de crescer
no meio rural.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Remo José Seitenfus e Maria Claudete Seitenfus, por todo o auxílio ao longo da graduação, às minhas irmãs Aline e Daiane que sempre me apoiaram.

Serei eternamente grata ao grupo Fronteiras, Laboratório de História Ambiental da UFFS campus Chapecó, que, para além de um grupo de pesquisa se tornou um grupo de amigos, guardarei para sempre comigo toda troca de aprendizados, as aventuras e as amizades que cultivei.

A minha amiga e ex-colega de laboratório e de iniciação científica, Michely Cristina Ribeiro, me sinto honrada em ter tido uma pessoa tão querida e inteligente ao longo da minha trajetória na UFFS.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Professora Dr^a Samira Peruchi Moretto, tanto por ter me orientado nos projetos de Iniciação Científica, quanto pela orientação no desenvolvimento do presente Trabalho de Conclusão de Curso. Foram muitos os aprendizados ao longo de nossa convivência, deixo aqui meu agradecimento mesmo sabendo que não conseguiria por em palavras todos os bons momentos de convívio.

Aprisionado em minha pequena alcova, Eu não via a árvore inteira e todo o céu, E jurava que não existia a árvore e nem o vasto céu -Para mim, era aquela a Verdade. Com a ação destruidora do tempo. Minha janela cresceu. E contemplei então. Um ramo com muitas folhas. E uma vasta expansão do céu, com muitas nuvens. Esqueci a folha verde solitária e aquele pequeno espaço da imensidão azul. Jurava que não existia a árvore, nem o céu imenso -Para mim, era aquela a Verdade. Cansado da prisão, Da estreita cela, Revoltei-me contra minha janela, Com os dedos a sangrar, Arranquei tijolo após tijolo, E contemplei então. A árvore inteira, seu tronco majestoso, Seus ramos numerosos, suas miríades de folhas, E uma imensa parte do céu. Jurava que não existia outra árvore, nem outra nem outra parte do céu -Era aquela a Verdade . Aquela prisão já não me retém, Saí a voar através da janela. (A Busca, Krishnamurti, 1927)

RESUMO

A partir da segunda metade do século XX o Oeste de Santa Catarina passou por um intenso processo de colonização, com imigrantes de descendência, principalmente alemã e italiana vindos do Rio Grande do Sul. A primeira atividade econômica exercida na região foi a extração da madeira, causando assim grandes impactos ambientais e paisagísticos. A agricultura, enquanto atividade econômica, passou a ganhar força quando a atividade madeireira já se mostrava insuficiente. As roças eram feitas a partir da derrubada da vegetação, assim como o uso de queimadas para limpar o local. A partir de 1948 foram instalados movimentos voltados para a extensão rural no país, em 1956, a política de desenvolvimento para o setor extensionista em Santa Catarina, criou a Associação de Créditos e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC), dentre a sua atuação, em 1970 lançou a Campanha de Conservação Solo, tendo o município de Chapecó como sede para a campanha. As técnicas de manejo do solo que eram usadas passaram a ser debatidas, surgindo então a necessidade de se repensar e adotar novas formas de manejo, adubação e maquinários. O foco deste trabalho será a Campanha de Conservação do Solo e seus impactos econômicos, sociais e ambientais. Para uma melhor compreensão do contexto histórico, o recorte temporal foi de 1956 a 1970. A metodologia terá como base a disciplina de História Ambiental.

Palavras-chave: Colonização, ACARESC, Campanha de Conservação do Solo.

ABSTRACT

In the early 20th century, the West of Santa Catarina underwent intense colonization, with mainly German and Italian farmers coming from Rio Grande do Sul. The first economic activity in the region was timber extraction, causing significant environmental and landscape impacts. Agriculture began to gain strength when the timber activity proved insufficient. Clearing the land for cultivation was done by cutting down vegetation and using controlled burns to clear the area. In 1948, movements focused on rural extension were established in the country, and in 1956, the Association of Rural Credit and Assistance of the State of Santa Catarina (ACARESC) was created. In 1970, ACARESC launched the Soil Conservation Campaign, with the municipality of Chapecó as its headquarters. Soil management techniques that were being used came under debate, prompting the need to rethink and adopt new methods of management, fertilization, and machinery. The focus of this work will be the Soil Conservation Campaign and its economic, social, and environmental impacts. For a better understanding of the historical context, the time frame chosen was from 1956 to 1970. The methodology will be based on the discipline of Environmental History.

Keywords: Colonization, ACARESC, Soil Conservation Campaign.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela com o número de escritórios locais.....	p.21
Tabela 2 – Número de famílias atingidas pela ACARESC.....	p.22
Tabela 3 – Tabela com a implementação de Clubes 4-S e associação de jovens.p.	26
Tabela 4 – Educação Sanitária.....	p.33
Tabela 5 – Educação Alimentar.....	p.33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACARESC	Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
ETA	Escritório Técnico de Agricultura
EMPASC	Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária.
CEOM	Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina
ANCAR	Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural
ASCAR	Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural
ACAR	Associação de Crédito e Assistência Rural
EDR	Extensionistas Domésticas Rurais
ACARPA	Associação de Crédito e Assistência rural do Paraná
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	Criação da ACARESC e a Campanha de Conservação do Solo.....	18
2.1	O Oeste catarinense.....	18
3	A atuação dos Extensionistas na difusão dos ideias da ACARESC.....	29
3.1	A implementação da extensão.....	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	41
	FONTES.....	43

1 INTRODUÇÃO

As transformações ambientais geradas por processos de colonização são foco de muitas pesquisas através da disciplina de História Ambiental. O Oeste de Santa Catarina também foi e ainda é objeto de pesquisa para historiadores ambientais, desde o “vazio demográfico” até a introdução de agroindústrias na região. Bibliografias vem ganhando espaço neste campo fomentando também novas pesquisas já que são vários os aspectos e lacunas a serem preenchidas quando pensamos no processo de colonização da região Oestina. Seguindo este pensamento, este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a Campanha de Conservação do Solo, lançada em 1970 pela Associação de Créditos e Assistência Rural do Oeste de Santa Catarina (ACARESC), associação esta criada por meio de um projeto do Escritório Técnico Rural (ETA), em 1956, sendo repassada a responsabilidade da administração, em 1957 para o Estado de Santa Catarina, quando fora nomeado como ACARESC.

A escolha do tema parte assim da necessidade de preencher algumas lacunas presentes na História Ambiental do Oeste Catarinense, compreender melhor como ocorreu a introdução do trabalho de extensão rural no Estado e como esta Campanha de Conservação do Solo foi utilizada pelos extensionistas na tentativa de aumentar a produção agrícola e manter as terras férteis por um maior período de tempo, pode auxiliar na compreensão de medidas adotadas atualmente na região. Este Trabalho de Conclusão de Curso pode assim ser observado como mais uma pesquisa realizada com intuito de compreender melhor as transformações ocorridas no Oeste de Santa Catarina, desde transformações sociais e ambientais.

Para que estes objetivos sejam alcançados será necessário compreender a criação da Associação de Créditos e Assistência Rural do Oeste de Santa Catarina (ACARESC) e campanhas de jornal que abordam a chegada da Campanha de Conservação do Solo.

A ACARESC, assim como outras associações e serviços de extensão rural do Brasil, acabou adotando técnicas de manejo, adubação, sementes melhoradas e maquinários agrícolas influenciada pelo sistema agrícola norte americano (Olinger, 2020). A Campanha de Conservação do Solo, iniciada em 1970, tinha por objetivo modernizar a agricultura no Oeste de Santa Catarina, combater o problema da

erosão do solo e baixa fertilidade para que assim fosse possível manter maior lucratividade nas safras, fazendo também com que as famílias dos agricultores permanecessem em suas terras, já que estas se manteriam férteis por gerações.

A necessidade de se compreender melhor os modelos utilizados pela Associação de Créditos e Assistência Rural de Santa Catarina, faz com que o recorte cronológico da pesquisa se estenda de 1956 até 1970, quando a ACARESC lança a Campanha de Conservação do Solo.

Ainda tendo em vista que o objetivo principal deste trabalho será a Campanha de Conservação do Solo, a região estudada se delimita ao Oeste de Santa Catarina, local atingido pelo trabalho dos extensionistas rurais e EDRs, vale lembrar que a extensão rural chegou ao Brasil muito antes da criação da ACARESC, no ano de 1948 quando

Nelson Rockefeller, membro de uma das famílias mais ricas dos Estados Unidos da América- os Rockefeller- político, milionário, considerado um filantropo, fundador da Associação Internacional Americana (American International Association) destinada a ajudar o desenvolvimento econômico e social da América Latina, chegou ao Brasil” (Olinger, 2020, p. 33)

Glauco Olinger, um dos fundadores da ACARESC, aborda a chegada da extensão rural ao Brasil trazida pelas mãos de Rockefeller em seu livro *Aspectos históricos da Extensão Rural no Brasil e em Santa Catarina*, onde também aborda o fato de o Estado de São Paulo ter recusado “ser Estado pioneiro de um Serviço Estadual de Extensão Rural no Brasil” (OLINGER, 2020, p. 33), mas esta não foi a primeira e última tentativa norte-americana de “auxiliar” o Brasil na implementação da Extensão Rural, esta teve êxito primeiramente com a criação da Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR) no Estado de Minas Gerais em 1948, seguindo a criação e instalação das Associações Nordestina de Crédito e Assistência Rural- (ANCARs) em 1954 pelo Banco Nordeste do Brasil, seguindo, no ano de 1955 com a criação da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (ASCAR) pelo Governo do Rio Grande do Sul, consecutivamente a criação da Associação de Crédito e Assistência rural do Paraná (ACARPA) até chegar, em 1956 a vez do Estado de Santa Catarina, onde, a partir do décimo sétimo projeto do ETA fora criado a Associação de Créditos e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), todas as associações foram criadas seguindo o molde da ACAR de Minas Gerais, ou seja, seguindo os preceitos de extensão rural norte-americanos (Olinger, 2020). A

criação da ACARESC permitiu a chegada da Extensão Rural aos agricultores catarinenses. Lohn (2008), em seu artigo *Mitologias do desenvolvimento: extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960)* aborda que através da atuação de extensionistas, buscava-se atingir e "nortear" pequenos proprietários rurais, em sua maioria descendentes de alemães e italianos.

O debate político brasileiro que tomou grandes proporções a partir de 1950 girava em torno da temática rural, era necessário modernizar o trabalho no campo já que as técnicas de produção utilizadas até então não "se coadunam com as relações capitalistas de produção" (LOHN, 2008 p.9), ou seja, era necessário incentivar, aqui principalmente agricultores que poderiam fazer empréstimos, a aderir a novas tecnologias e insumo. As transformações no processo agrícola e na divisão de trabalho divulgadas a partir de técnicos agrícolas, cuja formação profissional se dava nos modelos norte-americanos, possibilita não somente compreender essa nova transição, transformação da agricultura na região Oeste, mas também observar como essas técnicas de manejo e afins ainda são utilizadas atualmente. Outro fator que mostra a importância da presente pesquisa está relacionado à compreensão das interações humanas no meio ambiente e como estes se moldaram e moldaram seus conhecimentos para dominar a natureza posta a seu redor (WORSTER, 1991), abordando assim quais foram as transformações ambientais e sociais geradas pela Campanha de Conservação do Solo no Oeste Catarinense, observando as novas práticas extensionistas que a ACARESC, juntamente a esta campanha, proporcionou para a agricultura regional. Para isso, serão utilizadas fontes de periódicos que informaram sobre a Campanha de Conservação do Solo.

O solo, elemento fundamental para uma boa safra passou a preencher matérias de periódicos da região do Oeste de Santa Catarina e Vale do Rio do peixe, principalmente na década de 1970, quando a Associação de Créditos e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC) lançou a Campanha de Conservação do Solo, com o intuito de levar aos agricultores novas técnicas de manejo com o solo a partir da atuação de extensionistas, havia-se assim a preocupação com a fertilidade do solo, tanto a curto quanto longo prazo.

Estes periódicos que abordam a Campanha de Conservação do Solo, foram selecionados a partir de pesquisas feitas tanto no Centro de Memória do Oeste de

Santa Catarina-CEOM, cujos jornais são Folha d'Oeste, Correio do Povo, Correio do Sul, Oestão, Folha d'Oeste Rural, Correio do Sul Regional, quanto matérias retiradas da Hemeroteca digital Catarinense, pertencentes ao jornal O Estado de Florianópolis, cujas traziam em suas notícias debates acerca da agricultura na região do Oeste Catarinense. Antes mesmo da década de 1970 temas como conservação do solo, desmatamento e reflorestamento já se tornaram pautas relevantes para a Sociedade.

Levando em consideração que as principais fontes deste trabalho são matérias de jornais que abordam a Campanha de Conservação do Solo (1970) lançada pela Associação de Créditos e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina, cuja em 1991 uniu-se com a EMPASC, formando a atual EPAGRI (EPAGRI, quem somos), faz-se necessário abordar uma metodologia para análise destas fontes de periódicos, para isso, a pesquisadora Tânia de Luca alerta que

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação (LUCA, 2008 p. 140)

Havia-se a necessidade de divulgar esta nova campanha e é claro tentar engajar toda a sociedade rural e urbana, era necessário que todos entendessem a necessidade da adoção de novas práticas de manejo com o solo. Vale a pena ressaltar alguns títulos de matérias lançadas no início da Campanha: *Precisamos salvar as terras mais férteis do estado*, jornal Folha d'Oeste Chapecó, 25 de abril de 1970; *O que está faltando para a agricultura Brasileira?*, jornal Folha d'Oeste, Chapecó, 1 de abril de 1970; *A erosão na história*, jornal Folha d'Oeste. Chapecó, 25 de abril de 1970; *Qual Será o Futuro de Nossa Agricultura?* jornal Folha d'Oeste Rural. Chapecó, 10 de julho de 1971. Tanto o título quanto o conteúdo das matérias tinham por intuito mostrar a necessidade de mudanças no meio rural, além de trazer certo alarme proposital, não vamos achar aqui que tanto as matérias escolhidas quanto seu título eram desprendidos de uma tentativa de coerção ao leitor. Ainda segundo Lohn (2008), a ACARESC conseguiu atrair para si apoio governamental já que seu trabalho no interior de Santa Catarina poderia ir além da questão de produtividade, créditos rurais e o cooperativismo, poderia estabelecer também uma nova ordem social, beneficiando assim aos governantes.

A atuação dos extensionistas rurais no Oeste de Santa Catarina foi uma das responsáveis por grandes transformações tanto para a agricultura quanto para a sociedade local, além dos impactos ambientais que transformaram a região, quando observado o segmento do uso de técnicas agrícolas adotadas no início da atuação extensionista. Quanto às novas tecnologias utilizadas no processo de extensão rural, a atuação norte-americana visava a proximidade com países subdesenvolvidos tendo em vista a possibilidade de vender a estes os excedentes gerados pelo final da Segunda Guerra Mundial, além de afastá-los de possíveis relações com países comunistas. Para Lohn, "a agricultura brasileira, as necessidades de modernização e de criação de um mercado capitalista entravam em choque com práticas de trabalho consideradas arcaicas e improdutivas" (LOHN, 2008,p. 14).

Os projetos lançados no período de 1957 a 1991 (período que corresponde a atuação da ACARESC na região do Oeste Catarinense), perpassam desde o cultivo de diferentes sementes à suinocultura, avicultura, gado leiteiro e a conservação dos solos no meio rural. Acredita-se que, ao analisar pelo menos um destes projetos pode-se observar de forma mais aprofundada a atuação dos extensionistas da ACARESC, desde a propaganda utilizada para a difusão e aceitação do projeto de conservação do solo, quanto pelas técnicas utilizadas no trabalho com os agricultores. Outra possibilidade que se torna plausível de análise são as histórias e experiências tidas pelos profissionais extensionistas. O livro O Galo Extensionista, lançado em 2016, permite essa análise.

Para alcançar estes objetivos, o Trabalho de Conclusão de Curso será dividido em dois capítulos, no primeiro será possível observar brevemente a ocupação do Oeste Catarinense e a introdução da agricultura na região, sendo, em 1956, introduzido no Estado o trabalho de Extensão Rural tendo por base o modelo norte-americano. A Campanha de Conservação do Solo, lançada pela ACARESC em 1970 é apresentada também, como fontes são utilizadas matérias de jornal publicadas nos primeiros anos da Campanha quando a divulgação desta se fazia mais necessária para ganhar maior aceitação.

O segundo capítulo busca abordar o trabalho dos extensionistas na região oestina, a divisão entre o trabalho realizados por estes e pelas extensionistas domésticas rurais (EDR), assim como algumas dificuldades encontradas por estes

profissionais. Aqui, o livro *O Galo Extensionistas*, de 2006, será utilizado para compreender alguns aspectos dos extensionistas tendo em vista as percepções destes trabalhadores quanto a implementação da extensão rural na região do Oeste Catarinense.

2 CRIAÇÃO DA ACARESC E A CAMPANHA DE CONSERVAÇÃO DO SOLO

2.1 O OESTE CATARINENSE

Para compreender melhor a região do Oeste Catarinense, deve-se observar que esta região, entre os séculos XIX e início do século XX era coberta por duas formações de florestas "a floresta estacional decidual (FED) e a floresta ombrófila mista (FOM) ou floresta da araucária" (NODARI, 2013, p. 138), também conhecidas como "mata branca" (FED) e "mata preta" (FOM) pelos colonizadores, cujas empresas colonizadoras pertenciam majoritariamente a empresários do Rio Grande do Sul, as quais foram as maiores responsáveis pelo "processo de recrutamento e povoamento do oeste de Santa Catarina" (NODARI, 2013, p. 140). Ainda segundo Nodari, deve-se observar que "Temos de prestar atenção ao fato de que povos diferentes escolheram formas distintas de interagir com ambiente circundante e que suas escolhas tem ramificações não somente na comunidade humana, mas também no ecossistemas maior" (2013, p.137).

Mapa 1: Localização Geográfica do estado de Santa Catarina e suas mesorregiões



Fonte: MATTEI, T. S. MATTEI, T. F. 2022.

A venda de lotes de terras no Oeste de Santa Catarina á agricultores gaúchos, principalmente descendentes de alemães e italianos, a partir do século XX acabou também gerando uma manobra de expulsar das terras indígenas e caboclos que habitavam a região antes da colonização (BRANDT, CAMPOS, 2014). A intensa campanha de vendas realizada pelas colonizadoras visava inicialmente a exploração da floresta, prática esta utilizada também para alimentar a economia do Oeste Catarinense, o que proporcionou muitas transformações na paisagem, havendo uma “descaracterização da floresta no local. Diferentes espécies vegetais que eram vistas em abundância, foram desmatadas em detrimento da instalação de agropecuária na região” (MORETTO, 2017, p.110). A extração da madeira, juntamente com a instalação de pequenas serrarias pelo Estado proporcionou o lucro vindo da venda da madeira, a criação de estradas para acesso aos lotes de terra e a abertura de roças.

Ainda segundo Moretto, os trabalhadores contratados para atender a demanda da extração da madeira, após o ciclo da madeira, passaram a ocupar as terras para fazer "pequenas roçadas de subsistência" (2017, p. 115), entretanto, com o advento da agricultura na região, os agricultores do Rio Grande do Sul que haviam comprado lotes na região, “passaram a reivindicar a posse de seus lotes, que estavam ocupados, principalmente por os ex-funcionários das madeireiras ocupando o local.” (MORETTO, 2017, p. 116). A população indígena e cabocla residente na região, “se ligava à agricultura de subsistência e práticas ligadas à exploração de recursos em comum de campos e florestas.” (BRANDT, CAMPOS, 2014, p.193), passa-se assim a se desenvolver nova forma com o advento da colonização.

A agricultura passou a ganhar muita visibilidade na região Oeste, assim como a suinocultura e agropecuária. No caso da agricultura, deve-se observar que esta tinha como segmento a agricultura familiar, neste caso o gerenciamento da propriedade era feito pelos próprios membros da família, (DORIGON, MELLO, SILVESTRO, 2001). A atividade agrícola passou a ganhar cada vez mais importância para a região, sendo “Em 1970, a população ocupada na agricultura oestina representava 56% da população rural, elevando-se para 64% e 72% sua participação em 1980 e 1995- 1996, respectivamente” (SILVA, HEIDEN, AGUIAR,

PAUL, 2003, p. 65). Neste processo de colonização, pode-se observar que as “pequenas propriedades de agricultura familiar, policultura de alguns produtos básicos como feijão, milho, mandioca e trigo, mas centrada na suinocultura e industrialização de suas carnes e derivados” (CORAZZA, 2016, p 298). A seguir veremos os desdobramentos relacionados à agricultura quanto a chegada do extensionismo rural no Oeste Catarinense, juntamente com a criação da Associação de Créditos e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC).

A Criação e atuação da Associação de Créditos e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC) em 1956, estava voltada à agricultura e surgiu no âmbito da Extensão rural, fortemente ligada às práticas incentivadas pela Revolução Verde (VIEBRANTZ, 2008), esta nova política visava implementar novas técnicas voltadas a agricultura, cuja função econômica passou a ser mais incentivada no séc. XX. O Escritório Técnico de Agricultura (ETA), fundado em 1953 através de uma “cooperação bilateral” entre Brasil e Estados Unidos, tinha como objetivo legitimar esta nova política agrícola baseada na extensão rural e se manteve como principal órgão no desenvolvimento de projetos agrícolas assim como na estruturação dessas associações de crédito e assistência rural implantadas nos Estados brasileiros (GUARDIANO, 2023), sendo assim, no ano de 1956, o Escritório Técnico criou seu décimo sétimo projeto voltado ao Estado de Santa Catarina, cujo, em 21 de junho de 1957 passou a ser nomeado como Associação de Créditos e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC) (LOHN, 1996, p. 66).

A Associação, nos seus quatro primeiros anos, contou com o incentivo do Escritório Técnico de Agricultura (ETA), cujo manteve 80% do orçamento gasto pela Associação de Créditos e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), que teve seus primeiros escritórios localizados no Vale do Rio do Peixe e no Vale do Rio Itajaí (VIEBRANTZ, 2008, p.129), reconhecida pelo Decreto Federal n. 50.622 de 18.05.61, e pela Lei Estadual n. 2.977 de 23.12.61, não visava manter fins lucrativos (SANTOS, 2001, p. 248). A ACARESC ainda dispunha de um sistema organizacional que contava com uma “Direção, em seguida vinha a supervisoría Estadual e, logo abaixo, as coordenadorias técnicas e o apoio administrativo, este representado por dois núcleos (administrativo e financeiro)”(DOS SANTOS, 2001, p.92). Os Escritórios Regionais mantinham, no mínimo, uma equipe composta por um supervisor do Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural- PROATER,

três coordenadores técnicos, dois responsáveis pelo setor agropecuário e um pelo setor de economia doméstica, além de funcionários que atuavam na área administrativa.

Ainda segundo Dos Santos (2001), vale ressaltar os centros de treinamentos localizados em cidades estratégicas com a finalidade de oferecer “a possibilidade de formação e aperfeiçoamento tanto de técnicos, quanto de agricultores, donas de casa e jovens da área rural, atingindo cerca de 90 mil famílias” (p. 92). Dentre os diversos projetos e incentivos trazidos pela ACARESC ao Estado de Santa Catarina através da extensão rural, como exemplo o milho híbrido, a avicultura confinada, a suinocultura e a fruticultura, podemos ressaltar a Campanha de Conservação do Solo, classificado, segundo Olinger, como o “projeto mais importante” voltado à “defesa ambiental” (p.19), coordenado pelo engenheiro-agrônomo Murilo Pundek e ainda mantido pela atual Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI).

Em uma matéria de jornal datada de 1970, do Estado de Florianópolis, pode-se observar os projetos aos quais a ACARESC prestava assistência técnica:

1- agropecuários: 1-1- suinocultura, 1-2- Bovinocultura (com ênfase na formação do pastoreio racional rotativo) 1-1- Cultura do milho, 1-4- Cultura do arroz, 1-5- Cultura do feijão, 1-6- Cultura do trigo, 1-7- Cultura da mandioca, 1-8- Cultura da batatinha, 2- Cooperativismo, 3- Conservação do Solo, 4- Educação Sanitária, 5- Educação Alimentar” (O Estado de Florianópolis, 190, p.3)

Na mesma matéria observa-se a tabela 01 indicando alguns dados relacionados a ACARESC e sua "evolução" a partir de 1956, vejamos a seguir o crescimento do número de escritórios locais e regionais, desde o ano de 1965 a 1969:

Tabela 01 - Tabela com o número de escritórios locais

Ano	N. de Escritório Locais	N. de Escritórios Regionais
1965	56	8
1966	71	10
1967	84	13
1968	100	13

1969	113	16
------	-----	----

Fonte: O Estado de Florianópolis, 1970, p. 3

Em seguida, a matéria ainda salienta que entre os anos de 1956 a 1965, em dez anos, a ACARESC instalou 64 escritórios e entre 1966 a 1969, após quatro anos, foram instalados 65 Escritórios técnicos, mostrando assim a evolução da Associação, a matéria entretanto não mapeia a localização destes novos escritórios.

No quesito produtividade, novamente a suinocultura ganha destaque, mantendo ênfase no aumento na criação de suínos, a matéria retrata que em média "os suinocultores assistidos pela ACARESC, produzem 3,5 leitões por porca/ano, a mais que os não assistidos" (O Estado de Florianópolis, 1970, p.3), ainda no ano de 1970, a ACARESC atendia cerca de 15.318 criadores de suínos.

O número de famílias assistidas diretamente pela ACARESC também manteve aumento considerável juntamente com a criação dos novos Escritórios Locais:

Tabela 02 - Número de famílias atingidas pela ACARESC

Ano	N. de famílias atingidas
1965	12.143
1966	18.906
1967	29.021
1968	42.458
1969	57.323

Fonte: O Estado de Florianópolis, 1970, p. 3

Observa-se na tabela acima o crescente número de famílias atingidas pelas práticas extensionistas adotadas e difundidas pela ACARESC. O Cooperativismo e o Crédito Educativo também ganharam espaço entre a ACARESC e os agricultores. O Programa de Crédito Rural gerenciado a partir do Banco Central do Brasil, através da resolução n. 140 de 1970, pode ser citado como exemplo, com juros de 7% ao ano, para os chamados "insumos modernos". Conforme resolução, estes insumos seriam:

a) Fertilizantes, corretivos e inoculantes; b) suplementos proteicos de origem vegetal e animal; c) suplementos minerais, vitamínicos e antibióticos; d) defensivos para lavoura e pecuária; e) medicamentos veterinários; f) sementes melhoradas de certificados de origem e fiscalização, expedidos pelos órgãos competentes; g) sêmem congelado e seus acessórios. (O Estado de Florianópolis, 1970 p. 5)

O Programa de Crédito Rural também manteve sua “contribuição” já que no mesmo ano da resolução n. 14 iniciava-se a Campanha de Conservação do Solo, lançada pela ACARESC (como veremos a seguir), a qual adotaria o uso de calcário e fertilizantes químicos "cobertos" pelos juros e prazos de pagamento prolongados.

A Campanha de Conservação dos Solos lançada em 1970, juntamente com a atuação dos extensionistas no Oeste Catarinense, também foi um projeto que impactou a agricultura. Um dos principais objetivos da Campanha era o combate à erosão do solo, este foi um tema bastante abordado em matérias de jornais. Esses periódicos que circulavam na região oestina foram bastante utilizados como forma de difusão das novidades tanto da Campanha de Conservação do Solo como de outras notícias referentes à Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), trazendo aos agricultores práticas de manejo do solo e plantio, além de repreensão a antigas técnicas utilizadas, como é possível observar na matéria de jornal da Folha D'Oeste de 1970: “não foram poucos os povos que desapareceram porque a erosão lhes destruirá as terras” (GOLDSCHMIDT, 1970, p.3). Ainda na mesma matéria, Goldschmidt ressalta

Solos sadios, lavradores prósperos, povos ricos [...]Vamos permitir que nossos filhos, ou nossos netos tenham que abandonar essas terras em busca de um nôvo sonho, formar uma nova pátria, só porque os pais não souberam conservar as terras que desbravaram? (GOLDSCHMIDT, 1970, p.3)

Como cita Lohn, a disciplinarização do homem do campo tinha como peça chave a necessidade de "desqualificar o saber costumeiro" (2008, p.13), pode-se observar no trecho acima um dos discursos utilizados na extensão rural e assim também na Campanha de Conservação do Solo buscando essa “desqualificação”. Para permanecer em suas propriedades, os agricultores, “os pais” deveriam saber conservar suas terras para garantir às próximas gerações a prosperidade.

O município escolhido para coordenar a Campanha, tendo como sede o Comitê da Campanha de Conservação do Solo, foi a cidade de Chapecó: “Chapecó será, no próximo dia 3 de maio, palco de um acontecimento que sem dúvida irá colocá-la em grande evidência, entre as cidades do Oeste Catarinense.” (Folha

D'Oeste, 1970, p.1). Na cidade permaneceram técnicos que tinham como finalidade trazer a solução para os problemas na agricultura, estes seriam os “responsáveis pelo êxito da Campanha, não somente em Chapecó, como também nos primeiros 45 municípios do Oeste e Vale do Rio do Peixe” (Folha D'Oeste, 1970, p.1), os 45 municípios, além do Vale do Rio do Peixe seriam o foco inicial da Campanha.

A matéria datada de 25 de abril de 1970, traz consigo outra característica marcante quando o assunto era falar dos problemas ocasionados pela erosão, o título alarmista: *Precisamos salvar as terras férteis do Estado*, além do destaque dado a Chapecó e o vale do Rio do Peixe, é possível observar que o foco da Campanha, segundo a matéria, buscava “salvar da destruição total, as terras mais férteis do Estado, destruição está motivada pela EROSÃO” (Folha D'Oeste, 1970, p.1). Ao apresentar o grande problema da erosão dos solos catarinenses, a Campanha de Conservação do Solo aborda o processo de colonização sofrido na região, indo ao encontro a trabalhos atuais realizados por Historiadores Ambientais que pesquisam a região do Oeste Catarinense:

As terras do Oeste Catarinense eram originariamente cobertas por densas matas que pouco a pouco foram sendo derrubadas com a finalidade do aproveitamento da madeira e outras vezes para dar lugar a novas lavouras. E ao se despir a terra de sua vestimenta natural, a condenamos a uma destruição, lenta, mas implacável, principalmente em nosso caso particular onde três fatores aliam-se para tornar o problema ainda mais grave. (Folha D'Oeste, 1970, p.1).

Dentre esses três fatores, que são apresentados logo após o trecho citado, destaca-se a falta de conhecimento das práticas de conservação do solo e a formação do terreno. Ainda segundo a matéria o único fator passível de ser controlado seria as técnicas utilizadas nas lavouras, apresentadas como “já comprovadas na prática”, prática esta que proporcionou a quase eliminação da “erosão através do plantio em nível e o terraceamento da lavoura.” (Folha D'Oeste, 1970, p.1). A matéria intitulada “Oeste faz preparo de suas terras”, do jornal O Estado de Florianópolis, publicada em 1970, aborda o terraceamento como forma de combate à erosão, no mesmo ano, 20 municípios da região do Oeste Catarinense tiveram suas terras terraceadas, somando-se 8 mil hectares.

cêrca de 8 mil hectares de terra foram terraceados em 20 municípios do Oeste Catarinense. [...] Os resultados de apenas 20 municípios superaram em mais de 10% a meta da Campanha, com uma média de 400 hectares terraceados por município (O Estado de Florianópolis, 1970, p.9)

Como observado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa):

O terraceamento consiste na construção de uma estrutura transversal ao sentido do maior declive do terreno. Apresenta estrutura composta de um dique e um canal e tem a finalidade de reter e infiltrar, nos terraços em nível, ou escoar lentamente para áreas adjacentes, nos terraços em desnível ou com gradiente, as águas das chuvas. A função do terraço é a de reduzir o comprimento da rampa, área contínua por onde há escoamento das águas das chuvas, e, com isso, diminuir a velocidade de escoamento da água superficial. Ademais, contribui para a recarga de aquíferos. (ALMEIDA MACHADO, WADT, p. 3, 4)

Esse contexto histórico trazido na matéria está relacionado particularmente às terras do Oeste Catarinense, mas, em outra matéria do Jornal Folha D'Oeste, podemos observar que esta mesma linha de pensamento também é posta ao Estado do Rio Grande do Sul:

As terras do Rio Grande do Sul, principalmente as capas superiores ou seja a camada arável do sólo, contribuíram de maneira Intensa para o atulhamento dos principais rios daquele Estado. Cessaram as comunicações por via fluvial e iniciou-se a fuga do agricultor gaúcho em busca de outras terras que lhe proporcionassem as colheitas fabulosas como aquelas das quais houvia o pai ou o avô contarem. (Folha D'Oeste, 1970, p. 3)

A matéria tem por título *A erosão na História*, e também problematiza outras regiões do mundo, onde a história da agricultura teria tido um final causado pelas práticas de manejo com o solo inadequadas, gerando o problema da erosão. Os povos egípcios são citados, assim como a Líbia, a Argélia e a Tunísia, locais que são “hoje na maior parte constituídas de desertos e dispendo de agricultura muito pobre eram terras das mais férteis na época do Império Romano.” (Folha D'Oeste, 1970, p.3). A agricultura extrativa é então contestada como um grande erro a ser cometido durante séculos, a monocultura também é vista como um problema da “esperança vã de que a fertilidade é eterna” (Folha D'Oeste, 1970, p.3). As relações tidas entre os extensionistas e agricultores rurais, durante a atuação da Associação de Créditos e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC) também são citadas em matérias de jornais que buscam mostrar o trabalho em conjunto e o lucro obtido pelos agricultores quando utilizadas as técnicas desejadas.

Doze jovens estavam colhendo o fruto do seu trabalho inteligente e entusiasmado. Trabalho de quase um ano. Começara em agosto de 1970 numa reunião com o extensionista. Trabalho intenso e fecundo. Trataram com carinho a terra, como se cuida algo de estimação. Terracearam para evitar o mal da erosão. Espalharam o calcário e incorporaram o adubo. Cada ano, as terras de seus pais produziam menos e a queixa era natural. “cada vez plantamos mais e colhemos menos”. Decididos, os jovens

plantaram. Observaram o milho crescer. Pegar a seca até início de dezembro. Depois a chuva em demasia até a colheita. O comentário foi geral no Oeste: "a produção este ano vai cair. Primeiro a seca, a geada, e depois a chuva e chuva." Os jovens, quietos, observavam impassíveis, mas vigilantes as suas lavouras também passarem por toda aquela intempérie E naquele dia 27, comemoravam. Por que? Simples: colheram 3 vezes mais milho por área que a média catarinense e 4 vezes mais que a média brasileira. Média por hectare (há). (ANCOR, 1971, p.8)

Na matéria intitulada *Esses jovens maravilhosos de Balisa e sua técnica benfazeja*, nota-se que o combate ao "mal da erosão", a utilização de calcário, a técnica de terraceamento, o "trabalho inteligente" e "entusiasmado" teve, contudo, seu início com o trabalho dos extensionistas. Ainda é possível observar a ênfase dada aos "jovens", cujos conseguiram, a partir das técnicas extensionistas, obterem melhores resultados que seus pais. Em matéria publicada em 1970, no jornal O Estado de Florianópolis, observa-se que o aumento na produção de milho naquele ano fora conferido méritos ao clube 4-S

A média da produção estadual, por hectare cultivado é de 1.750 ha. ao passo que a média que vem sendo obtida pelos jovens agricultores dos Clubes 4-S, no concurso anual de produtividade, tem sido de 5.838 Kg por hectare, sendo que o recorde foi de 11.164 Kg por hectare. Atualmente a ACARESc orienta 21.875 jovens rurais" (O Estado de Florianópolis, 1970, p.3)

O trabalho realizado pelos extensionistas voltado aos jovens mantinha bons resultados, a proximidade com a juventude rural pode ser observada em uma tabela da mesma matéria do jornal O Estado de Florianópolis, assim como o crescente número de jovens a entrarem para os Clubes 4-S e a criação de novos Clubes, desde a criação da ACARESC, como pode ser observado na tabela 03:

Tabela 03 - Tabela com a implementação de Clubes 4-S e associação de jovens

Ano	N. de Clubes 4-S	N. de Jovens
1965	80	1.674
1966	131	3.103
1967	181	4.250
1968	237	5.356
1969	722	21.875

Fonte: O Estado de Florianópolis, 1970, p. 3

A essa nova geração de agricultores pode-se citar o trabalho realizado através da criação dos Clubes 4-S (Saber, Sentir, Servir e Saúde), criados na década de 1970, através da atuação da Associação de Créditos e Assistência rural de Santa Catarina (ACARESC) com o intuito de ser mais uma ferramenta utilizada pela extensão rural no projeto de 'modernização' da agricultura regional do Estado de Santa Catarina (Silva, 2001), ainda segundo Silva, o Clube 4S tinha sua matriz baseada nos Clubes 4-H's norte americanos, e tinha por intuito utilizar o conhecimento científico na agricultura "arcaica" brasileira. Com o discurso de que "é o jovem que leva a modernidade ao campo" (p.145), dessa forma a extensão rural iria moldando também a nova geração de agricultores.

Em outra matéria intitulada *Efeitos nocivos da erosão*, publicada no jornal Folha D'Oeste em 1970, é ressaltado que um dos métodos utilizados causadores da erosão no solo, seria "o plantio no sentido da linha de declividade do terreno" (p.8), essa forma de plantio permitiria o "transporte do solo". A matéria também aborda a utilização do fogo como causador da infertilidade do solo, Brandt, em seu artigo *Ampliando as pastagens pelo fogo e pela serra: pecuária e indústria madeireira nos campos do planalto de Santa Catarina*, aborda que "nas roças destinadas à agricultura, que se destinava às necessidades locais, o sistema empregado consistia na derrubada da floresta e na queimada, sendo realizada a semeadura sobre as cinzas" (2018, p.33) ou seja a coivara, herança cabocla foi assim adotada pelos colonos, esse sistema passa assim a ser visto pela Campanha de Conservação do Solo como o "destruidor que todo o agricultor pensa que é seu auxiliar, mas que é um inimigo. O que o fogo consegue, através de sua ação, na queima da matéria orgânica, que impossibilita a existência da vida microbiana, no seu incessante devoramento" (Ely, 1970, p.8), a erosão eólica do solo desprotegido também é apontado como um problema a ser resolvido.

Para combater estes causadores da erosão apontados pela Campanha de Conservação do Solo, lançada pela ACARESC em 1970, o trabalho dos extensionistas rurais é apontado como sendo de extrema relevância, mesmo que, segundo Lohn, a "autoridade" dada a estes técnicos muitas vezes era camuflada pela própria subordinação destes a seus superiores. Os extensionistas não dispunham assim do controle de suas ações, eram "rigidamente monitorados" (Lohn, 2008 p.12), para que a Campanha ganhasse as proporções desejadas contudo, era

necessário que a atuação destes profissionais mantivesse maior proximidade e autoridade para com os agricultores.

O capítulo a seguir abordará o trabalho dos extensionistas na região do Oeste Catarinense, como foi introduzido este trabalho na região, qual as técnicas utilizadas para difusão e persuasão da necessidade de se adotar o extensionismo nas famílias de agricultores. Será observado assim como a ACARESC utilizou estes técnicos agrícolas para chegar até os agricultores e conectá-los aos ideais propostos para o aumento da produtividade agrícola. O clube 4S também é apresentado neste modelo de difusão de novas ideologias para o campo, alcançando não somente os pais das famílias rurais, mas também seus filhos e filhas.

3 A ATUAÇÃO DOS EXTENSIONISTAS NA DIFUSÃO DOS IDEIAS DA ACARESC

O trabalho de extensão rural no Brasil não se apresentou somente a partir da criação da Associação de Créditos e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC) em 1956. Para entender melhor a atuação dos extensionistas, podemos analisar o livro *Aspectos Históricos da Extensão Rural no Brasil e em Santa Catarina*, escrito por Glauco Olinger em 2020, um dos fundadores da ACARESC:

A ideia e a introdução no Brasil da metodologia educacional praticada nos Estados Unidos pelo serviço de extensão rural americano, também conhecido por Agricultural Extension Service, foi efetivada pelo professor norte-americano Peter Henry Rolfs, fundador da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV), em Minas Gerais, na década de vinte do século passado. (OLINGER, 2020 p.28)

Este trabalho extensionista, ligado aos ideais Norte Americanos se manteve na criação das Associações de Crédito e Assistência Rural, incluindo aqui a Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR), as Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (Ancars), a Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (ASCAR) e na transição para o Escritório Técnico e seus projetos:

O governo americano participava com recursos financeiros, materiais (jipes, camionetes, pick-ups, níveis, medidores de pH, projetores de filmes, projetores de diapositivos, e outros materiais). Além disso, fornecia técnicos especializados em várias áreas dos projetos de conservação do solo, lavouras, avicultura, suinocultura, gado leiteiro, extensão rural e economia doméstica. (OLINGER, 2020 p.35)

Glauco Olinger foi uma figura importante no campo do extensionismo rural, assim como na Implementação do projeto ETA 17, responsável pela criação da Associação de Créditos e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC). Em seu livro publicado pela Epagri em 2020, pode-se observar a atuação e formação de Olinger. Nascido em 1922 em Campos de Lages- SC, iniciou sua carreira acadêmica, formando-se em agronomia em 1946, atuando a partir de então nas áreas de

Ensino agrícola, fomento agropecuário, engenharia rural, colonização, política agrária, extensão rural, pesquisa, consultoria internacional... Mas além disso, foi Secretário da Agricultura em Santa Catarina, Presidente da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), idealizador e criador do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina" (OLINGER, 2020 p.7)

Na extensão rural trabalhou por cerca de seis décadas juntamente com a ACARESC. Quanto às contratações de extensionistas para trabalhar na Associação de Créditos e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), eram realizados

através de editais, difundidos em jornais de grande circulação na região de Santa Catarina em 1957, a partir da aprovação nos concursos públicos, estes profissionais (agrônomos, veterinários, técnicos agrícolas, zootecnistas, engenheiros florestais e as EDRs - Extensionistas Domésticas Rurais, assistentes sociais, professoras, com nível médio completo e outros profissionais de nível superior), deveriam ainda efetuar uma nova capacitação ofertada pela ACARESC já que o trabalho dos extensionistas, para além dos trabalhos nas lavouras, contava com a “parte social” da extensão rural.

Visando a elevação da qualidade de vida, com o auxílio das Extensionistas Domésticas Rurais, as esposas e filhas dos agricultores ganhavam orientação quanto ao cuidado do lar, a horticultura e economia doméstica (ABATI, 2016). Outros projetos foram responsáveis por “motivar” as transformações propostas pelos extensionistas rurais da ACARESC, a “organização de grupos de senhoras e moças do meio rural, grupos de agricultores adultos e os famosos Clubes 4S, que congregavam jovens rapazes e moças, de onze a dezoito anos. A organização grupal facilitava e ampliava a abrangência do trabalho do agente de extensão” (OLINGER, 2020 p.23). Alguns dos projetos que também ganharam visibilidade durante a atuação da ACARESC no Oeste de Santa Catarina são citados por Olinger:

à suinocultura, à avicultura, ao gado leiteiro, ao cultivo de milho (este o símbolo da então Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (Acaresc), ao cultivo do arroz irrigado, do feijão, da batata-inglesa, do trigo, da soja, das fruticulturas Métodos eficazes de conservação e cultivo do solo nas propriedades rurais – uma das principais ações da extensão rural nos seus primórdios em Santa Catarina Aspectos históricos da Extensão Rural no Brasil e em Santa Catarina 21 de clima temperado e tropical, da silvicultura, da formação de pastagens com pastoreio rotativo e da horticultura. (OLINGER, 2020 p. 20)

O livro *O galo Extensionista, Estórias pitorescas de Sessenta Anos do Serviço de Extensão Rural em Santa Catarina* também aborda este trabalho, contado em histórias a relação tanto dos extensionistas quanto das EDRs, com os agricultores e agricultoras. Estes contos, entretanto, buscam manter o humor ao expor estas relações.

3.1 A IMPLEMENTAÇÃO DA EXTENSÃO

A implantação do trabalho extensionista no Oeste Catarinense é abordada no livro a partir das dificuldades enfrentadas perante os costumes regionais, passíveis de serem compreendidos como obstáculos, Abati relata que este trabalho

não fora “moleza” As equipes normalmente eram formadas por um "casal, "o" e "a" extensionista. As famílias normalmente achavam que eles eram casados ou irmãos. Não parecia certo, para eles, uma moça solteira andar o dia inteiro viajando de jeep, bem pertinho de um homem. Diziam que ela não devia ser boa coisa. Além deste fator, havia a natural desconfiança dos agricultores com uma equipe que vinha em nome do governo. Eles achavam que era para fazer um levantamento de tudo o que possuíam para implantar o comunismo. Havia dificuldades de toda ordem, mas o trabalho precisava ser realizado. (ABATI, 2016, p.42)

O trabalho realizado pelos extensionistas mantinha ainda a separação entre as tarefas masculinas e femininas, sendo o primeiro realizado na lavoura enquanto as mulheres eram ensinadas a cuidar do lar. A atuação das extensionistas, embora pouco mencionada, perpassou por dificuldades ainda maiores, pois “na época, o preconceito contra mulheres agrônomas ou técnicas agrícolas era latente. O desafio para elas consolidarem suas carreiras era então mais difícil que nos tempos atuais” (ABATI, 2016, p. 53).

As histórias, apesar de “pitorescas” permitem certas análises de como se dava a relação entre os extensionistas e os agricultores, sendo, aparentemente, um trabalho mais dificultoso para as EDRs, segundo uma história intitulada *Não posso casar*, é possível observar como as extensionistas passavam por maiores desafios quanto os extensionistas tanto para conseguirem atuar no campo da extensão quanto para se manterem nele, Abati relata que a vida dessas profissionais era analisada antes de serem contratadas, havia-se aqui a preocupação de que as jovens extensionistas possuísem condutas duvidosas, ainda durante os cursos de "pré-serviço tinham lições de conduta, eram orientadas no sentido de que a postura perante a comunidade em que atuariam daria a credibilidade necessária a seus atos" (ABATI, 2016 p. 45), após estes cursos tanto a comunidade quanto a Empresa, neste caso a ACARESC, mantinham "vigilância" sobre as extensionistas, além disso essas profissionais não poderiam se casar, caso o matrimônio ocorresse deveriam deixar seu emprego.

O trabalho das extensionistas rurais, chamadas assim pelos agricultores era então voltado somente à orientação de mulheres agricultores, a estas caberia, para além do trabalho na lavoura os cuidados com o lar, em uma matéria do jornal Correio do Sul intitulada Extensionistas rurais da ACARESC recebem treinamento prático em horta doméstica, metodologia e comunicação, de 1977, há o relato de um treinamento dado as extensionistas de Maravilha, Cunha Porã, Romelândia, Descanso, Pinhalzinho, São José do Cedro, São Miguel do Oeste, Coronel Freitas, Xaxim, Xanxerê, São Carlos, Palmitos e Chapecó, voltado a produção de hortaliças com o intuito de melhorar o padrão alimentar dos agricultores, havia-se à ideia de que esta reeducação alimentar diminuiria os "altos custos em remédios".

Na matéria é possível observar também que as EDRs receberam o treinamento pelos instrutores "As aulas foram ministradas pelos seguintes instrutores: Sr. Francisco Osni Correa (extensionista de Olericultura de São José), Dr. Francisco da Cunha Silva (Coordenador Estadual de Comunicação) e Coordenação do treinamento pela Srta. Celina Maria Becker (Coordenadora Estadual de Educação para Saúde)" (CORREIO DO SUL, 1977, p.4), o grupo era composto somente por uma mulher.



Extensionistas rurais da ACARESC recebem treinamento prático em horta doméstica, metodologia e comunicação. **Correio do Sul- Regional**. Chapecó, 24 de setembro de 1977. Ano 1, edição 7, p.4.

No Jornal O Estado de 1970, o trabalho voltado à educação alimentar e sanitária em conjunto as Escolas Rurais do Estado, são apresentados, com a proposta de “educar” as famílias rurais. As tabelas indicam que, para a Educação

Sanitária, além da construção de fossas e fossas para lixo, havia-se à proteção de poços e fontes, como pode ser observado na tabela 04 e 05:

Tabela 04 - Educação Sanitária

Ano	Fossas Construídas	Poços e Fontes Protegidas	Fossas lixo
1965	590	5	45
1966	1.440	137	156
1967	4.354	256	272
1968	8.910	2.640	922

Fonte: O Estado de Florianópolis, 1970, p. 3

Tabela 05 - Educação Alimentar

Ano	N. de Hortas Construídas	Metros Quadrados de Hosta
1965	227	40.302
1966	512	70.539
1967	1.204	137.698
1968	4.620	429.244
1969	1.589	161.143

Fonte: O Estado de Florianópolis, 1970, p. 3

Tanto a Educação Alimentar quanto a Educação Sanitária faziam parte do projeto de Economia Doméstica, cuja era responsável pelo setor social visando a elevação do bem-estar das famílias rurais, assim como a melhoria na saúde, isso incluía, como descrito nas tabelas acima

Saneamento básico, a construção de privadas (fossa seca e interna), a construção e proteção de poços e nascentes de água doce, a escavação de buracos para depósito de lixo, o melhoramento do lar com fabricação manual de fogões, latas de lixo, armários para cozinha, colchões, poltronas para salas de estar (sofás) e outras benfeitorias." (Olinger, 2020 p. 22)

Ainda segundo Olinger a construção de hortas domésticas possibilitou a diversidade de hortaliças o ano todo, mas, para além disso, os projetos de Economia Doméstica foi responsável por "introduzir o consumo de verduras na alimentação das famílias rurais, hábito inexistente até a década de 1950." (Olinger, 2020 p. 22).

Cabe ressaltar que o trabalho dos extensionistas se reunia no sentimento de uma "missão", trabalhar com as comunidades interioranas, um público "tão peculiar[...] ao mesmo tempo tão diferenciados pelas características culturais da origem étnica, das condições locais, das explorações econômicas" (ABATI, 2006, p.19), essa missão permeada por uma "estratégia educativa" enfrentada pelos extensionistas estaria ligada às mudanças propostas pela ACARESC no ambiente sócio econômico rural, Silva observa, em seu trabalho de pesquisa realizado com base nos clubes 4-S fundados pela ACARESC a tentativa de se formar um novo sujeito, apto a trabalhar com novas tecnologias, para assim manter maior produção agrícola, essa "pedagogia" utilizada no projeto 4-S não afetou somente os jovens rurais, já que era conferido ao técnico o trabalho com os pais destes jovens. Silva ainda observa:

A Extensão Rural, ao investir seu olhar nesse projeto de Clubes 4-S, transformou o jovem rural em objeto a ser estudado: (1) precisou-se saber sobre ele, e (2) para que ele soubesse. Tornou-se necessário investigar sobre seus hábitos, seu comportamento, e assim investir em ações para "conquistá-lo" (legitimar o trabalho da Extensão Rural com juventude). Num outro momento, procurou-se introduzir conhecimentos "modernos" para os jovens. Pretendeu-se fixá-lo ao campo, torná-lo responsável pelo sucesso (ou fracasso) da agricultura brasileira" (SILVA, 2001 p.154)

O discurso de que "extensão rural é um processo de ensino educação, extracurricular" também é defendido por Glauco Olinger, a extensão teria como objetivo atuar por "meio do ensino de práticas ou técnicas capazes de elevar a produtividade dos solos, das plantas, dos animais, das águas (neste caso a extensão pesqueira) e, sobretudo, do trabalho humano" (OLINGER, 2020 p.19) isso permitiria o aumento da produção e da renda dos agricultores.

Para oficializar a importância do trabalho extensionista, matérias de jornal buscavam trazer como as novas práticas agrícolas mantinham bom resultado. Em uma matéria intitulada Anchieta: 53 sacos de soja por hectare, é apresentado o exemplo da alta na produção de um agricultor no município de Anchieta, o rendimento alcançado, segundo a matéria, se daria pelas técnicas "modernas" utilizadas no cultivo, seriam elas a "correção e fertilização do solo, semente selecionada, espaçamento correto, combate a pragas e outras, segundo orientação do Serviço de Extensão Rural de Santa Catarina" (Folha d'Oeste Rural, 1071, p.2), as "técnicas racionais" utilizadas poderiam assim "elevar em até quatrocentos por cento (400%) o rendimento médio da soja, estimado atualmente em 10 sacos por hectare" (p.2) dos agricultores de Anchieta.

A matéria aborda assim alguns elementos chaves: A correção e fertilização do solo, ligada aqui a campanha de Conservação do Solo lançada em 1970, as sementes selecionadas e as técnicas da extensão rural. O sucesso no aumento da produção das sacas de soja ainda é apresentado na matéria como uma “experiência” realizada na propriedade deste agricultor, dando assim a entender que esta poderia ser uma propriedade modelo, esse aumento da produção seria noticiado não somente no jornal, mas também em demonstrações físicas onde os agricultores de regiões vizinhas poderiam se deslocar até a propriedade de Anchieta.

Em outra matéria intitulada *Tecnologia para melhor produtividade*, publicada em 1977 pelo jornal Correio do Sul, escrita pelo então Coordenador Regional de Agropecuária da ACARESC, Celívio Holz, é ressaltado que o aumento da produção agrícola na região do Oeste Catarinense não seria possível somente pelo aumento das áreas cultivadas, são assim apresentados alguns motivos para enfatizar esta declaração, geralmente, as pequenas propriedades compreendiam 25 hectares, muitas delas com declives acentuados, girando entre 15% a 30% em mais de metade das propriedades que mantinham declive, Holz analisa também que

"Ainda a situação de produção por área das lavouras tradicionais, onde os agricultores só plantam e colhem, sem fazer nenhum melhoramento, veremos que a produtividade (produção por hectare) é baixa: em torno de 30 sacos de milho por hectare, 15 sacos de soja por ha ou 10 sacos de feijão por ha. Estas lavouras tradicionais representam mais de 70% da nossa região" (HOLZ, 1977, p. 10)

Nota-se aqui que esta matéria é datada de 1977, sete anos após o lançamento da Campanha de Conservação do Solo e 21 anos após a criação da ACARESC, a Associação ainda mantinha obstáculos entre as famílias agrícolas na introdução das técnicas extensionistas e de manejo com o solo. A matéria ainda enfatiza que, se nestas propriedades fosse aplicada a "tecnologia", a produção dobraria. Para isso seria necessário "um pequeno esforço dos agricultores", ou seja, para Holz, "A necessidade de aumentarmos a produção de alimentos é uma realidade, mas se não temos condições de aumentar a área de plantio, o único caminho real a seguir é a PRODUTIVIDADE, isto é, produzir mais na mesma área" (1977, p.10), mas para isso seria necessário que os agricultores seguissem as recomendações técnicas.

Em outra matéria, também datada de 1977, do jornal Correio do Sul Regional, Holz volta a citar a importância do trabalho dos extensionistas. Intitulada *Plantio de soja aumentará 50% em Faxinal dos Guedes*, na matéria Holtz cita o então esperado "salto significativo na produção de soja" (1977, p.5) no município de Faxinal do Guedes, pertencente a região administrada pela ACARESC. O aumento na produção da soja, cuja mantinha bom preço na época animava os agricultores: "Animados pelo bom preço conseguido e pela produtividade alcançada com a aplicação de tecnologia, os produtores estão se lançando para o aumento da área de plantio" (1977, p.5), para que o "salto" na produção fosse dado, além desse aumento nas áreas cultivadas, seria necessário mais preparo técnico, para isso um "treinamento de sede" fora realizado pelos extensionistas da ACARESC, onde 30 produtores participaram, "recebendo orientações teóricas e práticas sobre regulagem de semeadeira-adubadeira, regulagem de pulverizador para aplicação de herbicidas e manejo de pragas na lavoura"(1977, p.5)

O interesse pela tecnologia, apreciado aqui pelo Coordenador Regional da ACARESC, ainda é enfatizado

E que este interesse pela tecnologia continue sempre, não somente nas boas fases, vindo dos próprios produtores a solicitação de treinamentos como esse, com assuntos de maior necessidade para as comunidades. Agricultor, solicite e participe dos treinos no seu município. (HOLZ, 1977, p.5)

A necessidade de adotar essas tecnologias na produção agrícola deveria, novamente, também partir dos agricultores. Já no município de Águas de Chapecó, a produção de milho ganha destaque, com produção de 7.500 ha, representando 62,5% da área do município (TIRELLI, 1977, p.5), na matéria intitulada *Agricultura destaca-se em Águas de Chapecó*, observa-se também a orientação dada pelos extensionistas rurais da ACARESC na intenção de se aumentar a produtividade local.

Neste treinamento "de alto nível" dado em outubro de 1977, houve a participação de 36 agricultores do município, ministrado por "Engenheiros Agrônomos, Técnicos Agrícolas, Coordenadores da Agropecuária e ainda o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do mesmo município" (TIRELLI, 1977, p.5). Sendo realizado "aplicações sobre o uso e cuidados com herbicidas, regulagem de pulverizadores, pois é um assunto de suma importância para os agricultores por relacionar-se profundamente com seu trabalho"(TIRELLI, 1977, p.5).

A Campanha de Conservação do Solo também é citada na matéria, o então responsável pela campanha, Dr. Renato D'Agostini, no treinamento, foi incumbido de explicar sobre a conservação do solo, "vantagens da mesma, economia de adubos, aumento de produtividade" (TIRELLI, 1977, p.5), sendo realizadas práticas demonstrativas, aqui ainda é possível observar com clareza a maior proposta envolta a Campanha de Conservação do Solo, o aumento na produtividade.

O trabalho dos extensionistas perpassava por todos os processos do trabalho no campo, desde o preparo do solo, o uso de maquinários, sementes, fertilizantes e adubos químicos até a colheita e venda. É muito importante analisarmos que a aplicação e cuidado com o uso de herbicidas é citado, o aval dado aos extensionistas que trabalhavam para a ACARESC chegava até mesmo ao uso de agrotóxicos.

O engenheiro agrônomo Jair Balen, extensionista de Crédito da ACARESC em Xanxerê- SC, em matéria do jornal Oestão datada de 1979 ressalta que "a atividade agrônômica vem, "cada vez mais, tornando-se complexa e sofisticada. O homem rural, contudo, não vem acompanhando este desenvolvimento tecnológico" (P.9), Balen fala aqui do uso de defensivos, que, na época, ressalta serem cerca de 400 princípios ativos no mercado, gerando em torno de 4.000 formulações "lançadas ao meio agrícola, sem uma devida receita técnica, pelas indústrias pesticidas" (BALEN, 1979, p.9), caberia assim ao engenheiro agrônomo a formulação destes princípios, "meditar sobre aquilo que vai fazer, em razão a um estudo prévio minucioso, com base na aplicação de uma metodologia que já estará ao seu alcance" (BALEN, 1979, p.9). O poder de decisão e difusão das técnicas dadas aos extensionistas é apresentado assim, na maioria das matérias, já que estes seriam responsáveis por todo o processo agrícola que geraria uma boa produtividade.

Ao desqualificar o saber do homem do campo a única saída para a agricultura seria a adoção das técnicas agrícolas extensionistas, dos métodos aprendidos e repassados ao extensionistas em seus treinamentos, as matérias de jornal ajudavam a difundir esses ideais, mostrando como o lucro das safras sempre se sobressaia quando os técnicos agrícolas eram ouvidos, procurados pelos agricultores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Oeste de Santa Catarina passou por grandes transformações paisagísticas a partir de sua ocupação no início do século XX, com a chegada de imigrantes alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul através da venda de lotes de terra pelas Companhias Colonizadoras. Após a extração da madeira novas práticas de se extrair lucro da natureza foram empregadas, a agricultura foi uma delas.

A criação da ACARESC, tendo por base os moldes extensionistas norte-americanos, em 1956, foi outro grande marco para os agricultores agora já estabelecidos no Oeste catarinense. A “modernização” da agricultura trouxe consigo novas transformações para a fauna e flora e, para além disso, teve como intuito transformar o antigo agricultor em um agricultor “moderno”.

A Campanha de Conservação do Solo, lançada em 1970 pela Associação de Créditos e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC), teve como principal objetivo combater a erosão do solo trazendo novas tecnologias para o produtor rural. Para que esta campanha fosse difundida e aceita pelos agricultores, foi necessário a atuação dos extensionistas rurais e das EDRs. Outro método de difusão da importância da campanha fora Jornais da época cujos traziam consigo desde matérias alarmantes sobre a necessidade de se preservar e aumentar a fertilidade do solo quanto a necessidade de se produzir boas safras seja a curto ou a longo prazo pensando assim nas próximas gerações e, para que isso fosse alcançado, seria necessário a atuação da extensão rural, a utilização de sementes melhoradas e técnicas “inovadoras” no manejo com o solo, partindo desde a adubação à preservação deste.

A atuação dos extensionistas rurais tinha por base modelos norte-americanos, já que a extensão rural fora introduzida e parcialmente custeada por este governo. É possível observar no processo de implementação do trabalho realizado pela ACARESC as dificuldades enfrentadas pelos extensionistas e muito mais pelas EDRs que, por serem mulheres sofriam vários tipos de preconceito partindo de início pela própria associação quando estas eram escolhidas somente se se encaixassem em certos requisitos. Quando pensado na atuação dos extensionistas pode-se observar também como estes serviram para uma maior proximidade do governo brasileiro para com seus agricultores, a tentativa de “transformar” o homem do campo deu resultados, já que os programas utilizados

pela ACARESC buscavam trabalhar tanto com os pais e mães agricultores, quanto com seus filhos, isso a partir da atuação dos clubes 4-S.

Quando pensado no campo da História Ambiental observa-se que a Campanha de Conservação do Solo tinha como um dos principais objetivos o aumento da produção agrícola juntamente com o aumento da vida útil do solo, para que isso ocorresse era necessário pensar no meio natural. Para que se aumentasse as safras e prolongasse o uso dos solos foram utilizadas técnicas como terraceamento e plantios em curva de nível. O solo que antes era tratado a partir de técnicas que utilizavam o plantio após a queimada da vegetação, passou a ganhar um novo cuidado para que sua fertilidade fosse mantida.

As matérias de jornal, fontes riquíssimas para compreender como a ACARESC buscava difundir a Campanha de Conservação do Solo através deste meio de comunicação, permitem analisar como o alarmismo foi usado para dar aval, importância a adoção da preservação do solo. Vale lembrar que o alcance destes jornais muitas vezes não chegava até as famílias de agricultores, mas sua ideologia chegava através do trabalho dos extensionistas e EDRs, dos Clubes 4-S e também das conhecidas propriedades modelos, onde o resultado do trabalho realizado com a adoção das novas técnicas de manejo com o solo utilização de sementes melhoradas, adubos e maquinários, era apresentada.

Quando pensado a dimensão, no Estado de Santa Catarina, proporcionado pela Campanha de Conservação do solo, pode-se observar como esta ainda é tema abordado e difundido pela EPAGRI, empresa formada pela fusão da EMPASC e ACARESC em 1991. Atualmente não se fala mais em Campanha, mas ainda é utilizado as técnicas de preservação dos solo cujas tiveram início nos anos de 1970, o que pode servir de base para o entendimento de que estas técnicas proporcionaram melhorias na produção do campo e também para o solo agrícola.

Quando pensado na colonização que ocorreu no Oeste Catarinense, é possível observar também que o agricultor desejado, descendente de alemães, italianos e poloneses, quando ocorreram as primeiras vendas através das companhias colonizadoras, o Estado de Santa Catarina também precisou moldar estes agricultores e suas famílias com a chegada do extensionismo.

Quanto às mudanças, deve-se observar também como a vegetação local sofreu drásticas mudanças, seja no início da Campanha de Colonização, quando grande parte das matas foram derrubadas para extração da madeira, abertura de

roças e estradas, ou até mesmo na adoção das práticas de extensão rural, que, para além da paisagem proporcionaram mudanças nos solos, rios e afluentes.

REFERÊNCIAS

ABATI, Roberto. O galo extensionista, Estórias Pitorescas de Sessenta Anos do Serviço de Extensão Rural em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2016. 344 p.

ALMEIDA MACHADO, P. L. WADT, P. G. **Boas práticas agrícolas. Terraceamento.** Embrapa Acre. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/10180/13599347/ID01.pdf>. Acesso em 13 de junho de 2024.

EPAGRI. Quem somos. disponível em: <https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/a-epagri/quem-somos/> . Acesso em 21 de agosto de 2022.

BRANDT, Marlon. Ampliando as pastagens pelo fogo e pela serra: pecuária e indústria madeireira nos campos do planalto de Santa Catarina. *In*: NODARI, Eunice Sueli; XAVIER DE CARVALHO, Miguel Mundstock; ZARTH, Paulo Afonso (org.). **Fronteiras Fluidas, Florestas com Araucárias na América Meridional.** São Leopoldo: Oikos, 2018. P 28-43.

BRANDT, Marlon; CAMPOS, Nazareno José. **Costumes e usos da terra pela população cabocla do Planalto de Santa Catarina.** Mercator, Fortaleza, V.13. n2, p.193-208. mai./ago. 2014.

CORAZZA, Gentil. Fronteiras Sul: Traços da formação econômica. História da Fronteira Sul. / Organizadores: José Carlos Radin, Delmir José Valentini, Paulo A. Zarth. -- Chapecó : Ed. UFFS, 2016. -- 352 p. : il.

DE SOUZA, L.V. **LÓGICAS VIVENCIADAS DA IDENTIDADE EXTENSIONISTA EM UMA ORGANIZAÇÃO PÚBLICA DE EXTENSÃO RURAL.** 2011, 155f. Tese de Mestrado (Extensão Rural)-Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Santa Maria, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/8867/SOUZA%2C%20LELIANI%20VALERIA%20DE.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 30 de março de 2024.

DORIGON, C. MELLO, M. A. SILVESTRO, M. L. **A Agricultura Familiar do Oeste Catarinense: repensando novas possibilidades.** Agropec. Catarina., v.14, n.2, jul. 2001. Disponível em: <https://publicacoes.epagri.sc.gov.br/rac/article/view/1385/1236>. Acesso em 21 de maio de 2024.

DOS SANTOS, L. W. **A FUSÃO PESQUISA AGRÍCOLA-EXTENSÃO RURAL EM SANTA CATARINA.** 2001. 248f. Tese de doutorado (Engenharia de Produção)-Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2001. Disponível em : <https://necat.paginas.ufsc.br/files/2011/10/Lucy-Woellner-dos-Santos.pdf>. Acesso em 29 de março de 2024.

GUARDIANO, Lucas da Silva. **O Escritório Técnico de Agricultura Brasil-EUA (ETA): as redes de conhecimento na formação de concepções de desenvolvimento agrícola (1953-1961)**. 2023. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/D.101.2023.tde-27102023-152538. Acesso em: 2024-04-28.

LOHN, R. L. **Mitologias do desenvolvimento: extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960)**. Dossiê Campo e cidade. Espaço Plural • Ano IX • Nº 18 • 1º Semestre 2008 •(•)• ISSN 1518-4196. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1630/1319>

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

MATTEI, T. S. MATTEI, T. F. **UMA ANÁLISE ESPACIAL DA PECUÁRIA BOVINA LEITEIRA NOS MUNICÍPIOS E MESORREGIÕES CATARINENSES**. Geosul, Florianópolis, v. 37, n. 84, p. 200-232, set./dez. 2022. <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2022.e88058>

MORETTO, S. P. **Meio ambiente e sociedade: as transformações na paisagem do Oeste Catarinense, na segunda metade do século XX**. História Revista, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 107–120, 2017. DOI: 10.5216/hr.v22i2.47211. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/47211>. Acesso em: 18 maio. 2024.

NODARI, E. S. (2013). **Um olhar sobre o oeste de Santa Catarina sob o viés da história ambiental**. Revista História: Debates E Tendências, 9(1), 136-150. <https://doi.org/10.5335/hdtv.9n.1.3212>

OLINGER, G. **Aspectos históricos da Extensão Rural no Brasil e em Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Epagri, 2020. 84p.

SILVA, C. M. (2001). Discursos sobre a juventude rural participante de clubes 4-S (1959-1977). Esboços: Histórias Em Contextos Globais, 9(9), pp. 143–156. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/568>

SILVA F. C. A.; HEIDEN, F. C.; AGUIAR, V. V. P.; PAUL, J. M. **Migração rural e estrutura agrária no oeste catarinense**. 2. ed.rev. e atual. Florianópolis: InstitutoCepa/SC, 2003. 99 p.

VIEBRANTZ, K. P. M. A extensão rural: ambiente, agricultura e associativismo. Revista Grifos. Chapecó P. 128-145. v. 18, n. 26. dezembro 2008. Disponível em: < <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/660>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, ol.4, n. 8, 1991. P. 198-215.

FONTES

Acervo: Biblioteca Pública SC- **Hemeroteca Digital Catarinense**. A assistência ao homem do campo não foi esquecida. O Estado, Florianópolis, 5 de fevereiro de 1970, p.3 Disponível em : <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/884120/103355>. Acesso em 13 de junho de 2024.

Acervo: Biblioteca Pública SC- **Hemeroteca Digital Catarinense**. BRANDÃO, I. Insumos modernos. O Estado de Florianópolis. 1970, edição 16402(1), p. 5. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884120&pesq=campanha%20do%20calc%C3%A1rio&hf=hemeroteca2.cultura.sc.gov.br&pagfis=103755>. Acesso em 13 de junho de 2024.

Acervo: Biblioteca Pública SC- **Hemeroteca Digital Catarinense**. O oeste faz preparo de suas terras. O Estado de Florianópolis, 1970, edição 16544(1). P.9. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884120&Pesq=Hospital%20instala%20sua%20unidade%20de%20terapia&pagfis=105436>. Acesso em 13 de junho de 2024

Anchieta: 53 Sacos de Soja por Hectare. **Folha d'Oeste Rural**. Chapecó, 10 de julho de 1971, ano I, n. 17, p. 2.

ANCOR. Êsses jovens maravilhosos de balisa e sua técnica benfazeja. **Folha d'Oeste**. Chapecó, 07 de agosto de 1971, ano VIII, n. 308, p. 8.

BALEN, Jair. Receituário agrônômico. **Oestão**. Chapecó, 14 de janeiro de 1979, edição nº39, suplemento nº 01, p. 9.

ELY, José Egon. Efeitos Nocivos da Erosão. **Folha d'Oeste**. Chapecó, 16 de maio de 1970, ano VII, n. 246, p. 8.

Extensionistas rurais da ACARESC recebem treinamento prático em horta doméstica, metodologia e comunicação. **Correio do Sul- Regional**. Chapecó, 24 de setembro de 1977. Ano 1, edição 7, p.4.

GOLDSCHMIDT, Fridhelm. A erosão na história. **Folha d'Oeste**. Chapecó, 25 de abril de 1970, ano VII, n. 243, p. 3.

HOLZ, Celívio. Plantio de soja aumentará 50% em Faxinal dos Guedes. **Correio do Sul Regional**. Chapecó, 15 de outubro de 1977, ano 1, n. 10, p.5.

HOLZ, Celívio. Tecnologia para melhor produtividade. **Correio do Sul**. Chapecó, 06 de agosto de 1977, n. 0, p. 10.

O que está faltando para a agricultura Brasileira? **Folha d'Oeste**. Chapecó, 1 de abril de 1970, ano VII, n. 241, p. 3.

Precisamos salvar as terras mais férteis do estado. **Folha d'Oeste**. Chapecó, 25 de abril de 1970, ano VII, n. 243, p. 1.

TIRELLI, Estevão. Agricultura destaca-se em Águas de Chapecó. **Correio do Sul Regional**. Chapecó, 15 de outubro de 1977, ano 1, n. 10, p.5.